

# CIDADE E COTIDIANO: A CONTRIBUIÇÃO DOS SITUACIONISTAS

CARLA GUIMARÃES HERMANN<sup>1</sup>

## **Apresentação**

A presente pesquisa trata-se de um Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia, da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Amélia Luisa Damiani em janeiro de 2004, cujo objetivo é mostrar, dentro das possibilidades impostas pelo tempo de confecção de uma monografia de fim de curso e a complexidade da obra estudada, a possibilidade do uso desta na Geografia. Para isso foram escolhidos alguns textos situacionistas e os principais conceitos neles presentes são apresentados aqui.

Meu contato inicial com a Internacional Situacionista se deu fora dos muros da universidade, em um workshop sobre arte e cidade. A surpresa ficou por conta de ver, pela primeira vez, um movimento relacionado à arte trazer, para dentro dele, a Geografia. Foi essa noção que despertou meu interesse e me levou a procurar o grupo de estudos situacionistas.

Ao averiguar o porquê da necessidade de relacionar o espaço à crítica da arte, acabei por descobrir que a riqueza da obra situacionista era a crítica ao capitalismo, e não à arte propriamente dita. Na verdade, a crítica da arte enquanto mercadoria é, num sentido ampliado, a crítica ao mundo da mercadoria, e ao desaparecimento da obra de arte revolucionária.

Dessa forma, e depois de descobrir que a sociedade do espetáculo é, propriamente, a crítica à alienação do capitalismo moderno, passei a considerar possível a associação entre os situacionistas e a Geografia.

Por fim, gostaria de agradecer a Amanda e à minha orientadora, Amélia Luisa Damiani, pessoas sem as quais, minha formação acadêmica não seria a mesma e, tampouco, teria resultado nesse trabalho de conclusão de curso.

---

<sup>1</sup> UFRJ – carlahermann@globocom

## **Introdução**

Vivemos numa sociedade urbana capitalista e precisamos compreendê-la. Para pensar uma cidade inserida no modo de produção capitalista, é necessário compreender as relações de troca que permeiam as relações sociais e invadem a vida cotidiana das pessoas que nela vivem. Daí estudarmos o cotidiano para entender como as pessoas se relacionam na sociedade urbana.

### *Breve abordagem do cotidiano*

O legado da I.S. auxilia na compreensão do nível de alienação da vida, especialmente no que diz respeito à vida na cidade, sendo um tanto quanto útil na compreensão do cotidiano.

Utilizarei LEFEBVRE<sup>2</sup> para explicar esse conceito, por ele desenvolvido. Entende-se como cotidiano o encadeamento de ações (atos cotidianos) que se efetua num espaço e tempo sociais ligados à produção. Esse encadeamento não se reduz à soma de ações simplesmente. Segundo CARLOS (1993: 95), em texto explicativo da obra do referido autor:

“O cotidiano não coincide com a realidade, compreende o vivido, subjetividade fluida (...) seus aspectos referem-se também ao conjunto da civilização no que se reporta às normas e às leis. É a base a partir da qual o modo de produção se afirma quando engendra um espaço e tempo sociais, constituindo-se em sistema pela programação da base. Assim, o modo de produção se realiza no cotidiano, e este é produto daquele”.

O cotidiano seria ainda a repetição do simulacro da vida, em que o sentido prático é sobreposto pelo sentido do signo; é a separação da obra (criação) e do produto. O cotidiano se estabeleceu no lugar do não-trabalho, e dele depende a vida de trabalho fora da empresa, uma vez que é permeado pelo signo do consumo e a publicidade, pelo próprio cotidiano divulgada, reitera esse signo. Um novo modo de vida – o da compra – é criado.

Com a difusão do mundo da mercadoria, deu-se a desagregação dos modos tradicionais de vida e a construção e a substituição de novos. Dessa forma, as relações de troca se tornaram parte das relações sociais, muitas vezes subvertendo-as. Isso é possível através da forma da equivalência, realizando socialmente a lógica abstrata, capaz de reduzir

---

<sup>2</sup> O cotidiano é, também, abordado em dois livros seus:

LEFEBVRE, H. *A Vida Cotidiana no mundo Moderno* Ed. Ática, São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. *Critique de la Vie Quotidienne – De la Modernité au Modernisme*. L'Arche Editeur, Paris, 1981.

dois objetos diferentes ao mesmo valor de troca (a forma é mais importante que o conteúdo aqui).

A equivalência torna as diferenças homogêneas, mesmo quando elas são hierarquizadas. A sociedade tende a ser reduzida, segundo as estratégias de reprodução das relações de produção, que programam o cotidiano. O social, porém, não está de todo reduzido ao plano econômico, pois manifesta-se como o lugar do conflito entre a vida e a sobrevivência. Para LEFEBVRE, nele se formulam os problemas da *reprodução no sentido amplo*, da existência social e do ser humano. É, portanto, o lugar do novo e do possível. Sempre que há um processo de destruição do velho para a construção do novo, o novo necessariamente é diferente do que o precedeu. Há também, e inversamente, a reprodução do velho, com uma aparência nova. Bem, isto se repete nesta forma de produção.

**O cotidiano se estabeleceu no lugar do não-trabalho, e dele depende a vida de trabalho fora da empresa.**

Dessa forma, parto a priori da necessidade de se desvendar o cotidiano para compreendermos o urbano e a metrópole. A idéia de que o urbano é também algo advindo da prática capitalista e não apenas da cidade (o conceito de “urbano” será explicado adiante) revela, por si só, a possibilidade da utilização dos Situacionistas para isso, especialmente com o desenvolvimento das noções de sociedade do espetáculo – referente a questão da dominação da vida como um todo – e das teorias por eles desenvolvidas e que dizem respeito à vida do homem na cidade.

Faz-se necessário também explicar de que se trata a Internacional Situacionista. Fundada em 1957 em uma pequena aldeia italiana, Cosio d’Arroscia, por G. Pinot-Gallizio, Piero Simondo, Elena Varrone, Michéle Bernstein, Guy Debord, Asger Jorn e Walter Olmo, foi uma organização revolucionária que transcendeu o termo propriamente dito.

De cunho essencialmente europeu, a I. S. possuiu metade dos seus membros originários da França, Alemanha e Itália, apesar de ter tido focos (as chamadas “secções”) até mesmo nos Estados Unidos e na Argélia. O ambiente europeu era propício para esse tipo de reação revolucionária, com países de capitalismo avançado no período posterior a Segunda Guerra Mundial, e historicamente marcados. A Europa é o berço da civilização ocidental, e influências advindas da América do Norte ocasionaram mudanças até mesmo nos hábitos (até certo ponto) tradicionais europeus. O peso da História, nessa hora, era menor que as políticas norte-americanas de reconstrução dos países afetados na última grande guerra. Com a política de reconstrução, os europeus conheceram também o modo de vida americano (*american way of life*), os supermercados pague-e-pague, os seriados de televisão, as estradas expressas, enfim, a expressão da aceleração das trocas, da necessidade de velocidade para reprodução do capital.

O capitalismo avançado revelou as contradições sociais a ele inerentes, e os situacionistas (os membros da Internacional Situacionista) não se basearam na alienação descrita por Marx apenas no âmbito econômico para criticá-lo. A negação do capitalismo aqui não se deu no aspecto da esquerda tradicional a qual todos estavam acostumados - e muitos ainda estão hoje em dia. A I. S. preocupou-se em atacar a alienação moderna, colocando não só a economia, mas também o progresso, a democracia e a cultura modernos (as) como sinônimos do capitalismo.

“Uma das particularidades da I.S., (...) foi ter procurado desmontar, desde o início, os fenômenos do capitalismo enquanto *civilização*, não se limitando a uma crítica da exterioridade estatal e econômica”. Na, além do local de trabalho. De certa forma, uma releitura desses conceitos de Marx, seguindo o próprio movimento da dialética histórica marxista.

Embora os situacionistas nunca tenham se dito marxistas, as discussões acerca do fetiche da mercadoria e a alienação dele decorrente fundamentaram boa parte de seus argumentos. Por outro lado, defendiam não só o fim do mercado como também do Estado, e eram adeptos a autogestão generalizada.

A crítica se dá aos mecanismos apropriados pelo capitalismo para garantir as mudanças necessárias à sua reprodução ampliada, sem que nada mude expressivamente. Não basta chamar o homem de moderno e alienado: necessária é também a compreensão de como a alienação se dá nas diferentes esferas da vida do homem, reduzindo-o a mera mercadoria. A esses mecanismos e à alienação moderna completa Guy Debord (o nome mais conhecido entre os membros da I.S.) dá o nome de *espetáculo*. O capitalismo enquanto conjunto e *modo de vida* levado pelo homem moderno, que não mais tem o domínio da sua própria vida.

### **O que são os situacionistas?**

Aqui utilizarei o tom de discurso argumentativo, ora até mesmo de manifesto que rege os escritos deixados pelos membros da I.S., afim de melhor exemplificar e tentar explicá-los.

#### *Breve histórico da Internacional Situacionista*

A fundação se deu em 1957 e foi resultado da unificação de três agrupamentos de artistas dissidentes da arte, em voga na época: o Comitê Psicogeográfico de Londres, a Internacional Letrista e o Movimento por uma Bauhaus Imaginarista.

Duas fases distintas marcaram as atividades do grupo:

Entre 1957 e 1965: enfoque na revolução da vida cotidiana, crítica da arte e do urbanismo, teorização e definição dos conceitos principais.

Atividades práticas como *atentados aos costumes* e *escândalos*. Mais que manifestações, estas eram intervenções no cotidiano, sem serem, ao mesmo tempo, atividades artísticas.

Entre 1965 e 1972: período marcado pelo conhecido “maio de 68”. Com a eclosão do movimento estudantil, suas teorias tornaram-se mais conhecidas. Tal notabilidade revelava uma fragilidade do movimento: a tendência a expectativas exageradas de concretização de suas propostas, além da temida espetacularização do que eles propunham, negando, com isso, seus ideais.

A renúncia de seguidores, motivada especialmente por Guy Debord, criou discussões dentro da I.S. Esse foi um dos principais motivos para seu afastamento da direção da revista I.S. em junho de 1969. Uma demonstração da desestabilidade que isso trouxe foi o fato do número seguinte da revista a ser publicado (o nº 13) não chegou nem mesmo a sê-lo. No ano seguinte, Vaneigem se demite, e em 1972 a I.S. fica reduzida apenas a Debord e Saguinetti e decreta sua autodissolução em Paris.

A Internacional Situacionista teve ao longo de toda a sua existência apenas 70 membros. Grande cobrança era feita em cima deles através de participação intensiva, inclusive na redação dos textos. Diante disso, destes 70 membros, 19 demitiram-se, 45 foram expulsos, dois criaram uma cisão (criando a secção norte-americana) e um foi internado em um hospital psiquiátrico. É bom realçar que a crítica ao movimento era constante e feita pelos próprios membros.

#### *Situação, situacionismo, situacionista*

Construção situacionista ou construir a situação. Mudar o quadro de não intervenção construído pela vida moderna, a de mero espectador das coisas do cotidiano. A I.S. defendia que se pode viver situações construídas: “momentos da vida, concreta e deliberadamente construída pela organização coletiva dum ambiente unitário e dum jogo de acontecimentos”. (I.S.: 27, 1997) Suas influências são muitas vezes construções teatrais ou políticas e, talvez por isso, tenham sido muito mal interpretados (em interpretações e leituras rasas sobretudo) como meros críticos da mídia. “A situação construída é forçosamente coletiva, devido à sua preparação e ao modo como se desvenda (...) espectadores passivos estranhos ao trabalho de construção, os quais deverão ser *reduzidos* à ação.” (pp. 24-25 I.S.)

Ledo engano daqueles que os julgam críticos da mídia, portanto. Trata-se da identificação dum *jogo superior* que rege o mundo. O funcionalismo urbanista é apontado

como “expressão necessária do avanço técnico” que tende a eliminar o *jogo*, mas falha devido à tendência do homem ao *jogo*. As reivindicações do urbanismo baseado no design industrial (da Bauhaus de Walter Gropius) não consideram a condição de espectador do homem e as situações construídas. E é essa a principal crítica da I.S. ao urbanismo, elemento fundamentador da vida urbana moderna. Isso será melhor explicado depois.

Um *situacionista* pretende *construir* as situações e não *reconhecê-las* como valor explicativo ou de outra índole, substituir “a passividade existencial pela construção dos momentos da vida”: querem um *fenômeno-praxis*.

Já o situacionismo seria a interpretação dos fatos existentes, ou seja, tudo aquilo que foi refutado pela I.S. O mau uso desse termo demonstra uma interpretação rasa da obra situacionista.

De certo modo, a situação é o oposto da obra de arte, sendo esta uma tentativa de conservação e valorização do presente. A construção das situações possui dialética: as realidades são passageiras e contêm sua negação, caminham para sua alteração no fim.

A crítica ao urbanismo funcionalista é apenas uma das facetas da crítica ao espetáculo traduzido na cidade (através do urbanismo em geral). A vida urbana do fim dos anos 50 foi criticada à medida que um **Urbanismo Unitário** foi proposto. Essa era uma das preocupações centrais da I.S. É um programa, uma proposta de novo urbanismo, crítico ao funcionalismo utilitário da vanguarda artística e arquitetônica da época.

O Urbanismo Unitário preocupa-se além da questão do habitat. Supera o funcionalismo nesse aspecto. “Trata-se de atingir, para além do utilitário imediato, um meio ambiente funcional apaixonante” (p.52). A preocupação vai além da esfera do espaço público e privado, está no âmbito do espaço social. O meio ambiente urbano é o terreno de um *jogo em participação*.

Assim como as situações construídas, o Urbanismo Unitário parte da paisagem urbana atual. Constrói-se a partir daquilo já existente, descobrindo nos meandros da cidade novos usos. Na realidade, o U.U. seria o construto de uma nova situação urbana, de âmbito geral. O método utilizado para reconhecer o conteúdo lúdico da cidade (alusão ao *jogo* correspondente às situações construídas também) é a **teoria da deriva**. Desse modo, o desvio da forma arquitetônica se daria, assim como a nova situação, construção. Enfim, assim se daria o Urbanismo Unitário.

“O Urbanismo Unitário opõe-se à fixação das cidades no tempo, levando, pelo contrário, a que se preconize a sua transformação permanente, promovendo um movimento acelerado de abandono e reconstrução da cidade no tempo e, sendo possível, também no espaço”. (I.S.: 54, 1997)

Essa possibilidade de renovação (e não-estagnação) remete ao fundamento de construção de situações, da não necessidade de prender-se no tempo e no espaço, como ocorre com a obra de arte.

“O Urbanismo Unitário, oposto a fixação das pessoas em pontos determinados numa cidade, constitui o pedestal duma civilização dos ócios e do jogo”. (I.S.: 54, 1997) O ócio e o jogo aparecem como expoentes daquilo que representa o não-trabalho. Por não-trabalho entende-se literalmente o que não seja trabalho. O lazer não pode ser considerado não-trabalho, uma vez que está diretamente ligado a ele e, pode-se dizer, é produzido pelo trabalho. O lazer está contido no trabalho, e é a esfera fora do local do trabalho em que se consome o que o trabalho (seu ou de outros) produz.

A teoria da deriva seria essa reinvenção do jogo no meio ambiente urbano. Ela seria o desvio e, ao mesmo tempo, *constituiria* o desvio arquitetônico. Segundo glossário publicado na primeira revista da I.S., em junho de 1958:

- “Deriva - Modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem brusca através de ambientes variados. Emprega-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo desta experiência.

- Desvio - Emprega-se como abreviação da seguinte fórmula: desvio de elementos estéticos pré-fabricados. Integração de produções artísticas atuais ou antigas numa construção superior do meio ambiente. Neste sentido, é impossível existir uma pintura ou música situacionista; o que pode ocorrer é uma utilização situacionista destes meios. Numa acepção mais básica, o desvio no interior das antigas esferas culturais constitui um método de propaganda, testemunhando o desgaste e a perda de importância destas esferas.” (I.S. 27, 1997)

A deriva deve, portanto, constituir a cidade situacionista. Não se nega o passado, não se destrói o que passou. Ao contrário, supera o presente e carrega (*arrasta*) o passado. O desvio será necessário para essa superação, pois, através dele, se descobrirá o verdadeiro uso de todo o aparato urbano.

### *A Sociedade do Espetáculo*

O conceito de espetáculo é fundamental para entender a obra situacionista. Pode-se dizer que ele amarra muitos outros, assim como fundamenta, dentro da lógica dialética, propostas de resgate da vida e críticas ao aparato que impede o homem de viver, feitas por esses autores.



O uso do termo *espetáculo*, especialmente dentro da expressão *sociedade do espetáculo* – com a proposta de designar a sociedade em que vivemos – foi utilizado por diversos membros da Internacional Situacionista. Entretanto, dois membros deram maior destaque a ele, chegando um deles a dedicar um livro inteiro para explicá-lo. Raoul Vaneigem publicou seu *Arte de Viver para as Gerações Novas* (em que desenvolve o valor-dom para explicar a questão da dominação do cotidiano), no mesmo ano em que Guy Debord publicou sua *Sociedade do Espectáculo*, em 1967. Esse último se tornou a mais conhecida publicação do grupo.

Como já dito, a mercadorização do próprio ser humano, através da reprodução ampliada do capital pela forma mercadoria foi apontada pelos situacionistas em diversas esferas da vida. O espetáculo compreende essa reprodução ampliada do capital, mas não se resume apenas a isso. Entende-se por espetáculo toda e qualquer forma de dominação que impeça a *realização* da vida.<sup>3</sup> Não apenas vivemos na sociedade do espetáculo, como a vivemos.

Novamente é conveniente lembrar que o diferencial do conjunto da obra situacionista é a transposição de termos marxistas difundidos do âmbito da vida econômica para o âmbito da vida geral. Dessa forma, o espetáculo seria a ampliação da alienação em Marx, o mecanismo fundamental para a não-intervenção do homem, para sua passividade total em relação à vida.

A condição desempenhada pelo homem é de mero espectador da vida. No capitalismo moderno dos países desenvolvidos nos anos 50 e 60 do século XX, a I.S. colocou em questão o Estado do bem-estar social, o consumo desenfreado, a soberania do automóvel nas grandes cidades, o urbanismo funcionalista que impossibilita a vivência plena do espaço, a necessidade de *sobreviver* no modo de produção capitalista através do trabalho, enfim, formas passivas de viver, nas quais a direção dos modos e rumos das ações a serem tomadas não depende do indivíduo e sim de todo esse aparato de dominação denominado *espetáculo*.

A vida é constituída de situações. Situações essas que deveriam ser construídas pelos indivíduos, e não pelo espetáculo. Essa passividade é o âmago da crítica situacionista, que propõe a construção das situações através do desvio e de “técnicas” como a psicogeografia e a deriva pelo espaço. O ideal de libertação do cotidiano é que o homem saia da platéia da vida, não se deixe apenas contemplá-la e passe a *realizá-la*. As abolições do Estado, da sociedade de consumo e da crença mítica são visivelmente necessárias

---

<sup>3</sup> Por vida entende-se além do conceito biológico dela: no sentido mais geral, do dia-a-dia, do cotidiano, da reprodução social do ser humano e sua relação ser x mundo.



dentro dessa lógica de pensamento, uma vez que são os principais mecanismos construtores das situações.

A não-realização da vida que coloca o homem na condição de espectador sentado na platéia é base para o termo *espetáculo*, que é muito mais uma metáfora para a alienação marxista ampliada que para uma mera crítica da arte ou da mídia, constantemente associadas a obra de Guy Debord, erroneamente.

O nível da aparência, aquele que não é desvendado (no caso discutido aqui, dissimulando a não-realização velada da vida), é o nível da alienação e se realiza na vida cotidiana.<sup>4</sup>

A não-realização da vida ocorre porque o homem não se realiza nele mesmo. É preciso sobreviver através do trabalho, que é a negação do sujeito. Assim, o homem se realiza como sua negação, personificada na figura do patrão, do empregador. A questão de que a identificação do sujeito se dá na realização pelo outro (por exemplo, as relações senhor x escravo, patrão x empregado) é em alguns pontos identificada na obra situacionista (em especial no que foi escrito por Vaneigem) pelo *espelho*. O indivíduo se vê no outro. Quando o empregado olha o patrão, ele se vê, sem perceber que a sua negação está contida nessa identificação.

O patrão representa a vida ilusória, aquilo que o empregado almeja e não é. Por mais que ele se espelhe no patrão nunca o será. O termo *espelho* representa a alienação do empregado na relação e reforça a idéia de passividade à construção de situações necessárias à vida. O espectador tem a impressão de participar, mas não passa de uma pseudo-participação. No espetáculo, os signos do consumo, do Estado e do mito representam quem constitui essa passividade.

É importante ainda reiterar a relação entre a sociedade do espetáculo e o que LEFEBVRE entende por *urbano*, enquanto crítica à sociedade do espetáculo. Em seu livro *A Revolução Urbana*, o autor explica que tal conceito deve ser definido como uma realidade social composta de relações meio reais meio possíveis a conceber pelo pensamento. Ele não deve ser pensado sem uma base física (prático-sensível). Portanto, não é metafísico. A sociedade urbana (ou simplesmente *o urbano*) não é sinônimo de cidade, e sim das práticas sociais, políticas e econômicas que acompanham a sociedade pós-industrial, e que são, por si só, necessárias a reprodução dela mesma, e que põem o processo do negativo. Não se trata de algo acabado, e sim de um processo em andamento, um “fato consumado, mas também uma tendência”. (p.16) Em outras palavras, é um processo, é virtual.

---

<sup>4</sup> Caso se deseje compreender melhor ainda a questão do espetáculo, é necessário destrinchar as formas de alienação descritas por Marx nos Manuscritos.

### *O signo do consumo e o consumo dos signos*

A vivência na sociedade de consumo capitalista emprega a compra e a venda como princípios básicos de reprodução da vida social, não apenas no sentido restrito do comércio, mas também no sentido de que as relações sociais são intermediadas pela forma mercadoria. Isso ocorre especialmente nos países de capitalismo avançado, e foi percebido pelos membros da I.S. de forma precoce, já que a maior parte de suas obras foi escrita no período em que a forma mais acelerada de reprodução do capital começava a aparecer. O expoente máximo era a sociedade de consumo americana, que já exercia considerável influência nos hábitos europeus (ver p. 1).

A realização do homem passivo se dá através do signo do consumo, pois ele acredita ser o consumo necessário à sua realização. Dentro da lógica de circulação do capital isso é, sim, necessário. Mas é exatamente contra isso que os situacionistas iam. Sob a ótica deles, o signo do consumo é a forma máxima de manutenção do espetáculo uma vez que ele é signo de realização do inumano e, ao mesmo tempo, induz o consumo de outros signos mais.

O que Lefebvre<sup>5</sup> chama de signo da propriedade reitera e acrescenta a idéia de posse sobre isso. O consumidor pensa possuir efetivamente o que consome, mas não o possui efetivamente. Um dos exemplos amplamente citados no conjunto das publicações da I.S. é o do turismo. Visto como o “consumo do ócio”, indica a necessidade criada de comprar aquilo que seria natural do ser humano e é um poderoso indicativo do grau de dominação exercido pelo *espetáculo*.

### ***Metodologia da Internacional Situacionista: o desvio***

O desvio é o método proposto e utilizado pelos situacionistas para “quebrar” a lógica do *espetáculo* e permitir *a vida*. No intuito de destrinchar o porquê da utilização do desvio proponho a compreensão do tempo do espetáculo, embora este aspecto não se encontre visível enquanto um conceito ou mesmo idéia estabelecida na obra da I.S. Entretanto, é errado dizer que o tempo aparece como resíduo no conjunto das publicações. Em sua *Sociedade do Espetáculo*, Debord dá muita importância à diferenciação dos tempos cíclico e linear no que diz respeito à influência que eles exercem no cotidiano das pessoas. Em quase todas as vezes que um artigo sobre arte foi escrito pela I.S. o tempo apareceu como fundamental para entender o que a Internacional pensava sobre a atividade artística, e o mesmo é válido para a proposta do Urbanismo Unitário.

---

<sup>5</sup> LEFEBVRE, H. Posição: contra os tecnocratas. Ed. Nova Crítica, São Paulo, 1969.

O desvio pode ser considerado a questão central do método da Internacional Situacionista e, para mostrar a validade desses autores enquanto contribuição para a Metodologia em Geografia Urbana, faz-se necessário explicar esse método.

### *O tempo do espetáculo*

O homem vive o tempo cíclico quando vive o tempo da natureza, mesmo que já possua certo grau de dominação sobre ela. O tempo cíclico é também o tempo da colheita, da extração vegetal e da pesca, atividades que envolvem técnica mas dependem das forças naturais para existirem. Fala-se em tempo cíclico principalmente quando refere-se a tempo primitivo, com atividades primitivas desempenhadas por homens cujo domínio da técnica estava ligado a conhecimentos transmitidos através das gerações em suas comunidades. Dificilmente dizemos que algum estágio do desenvolvimento capitalista obedeceu ou obedece ao tempo cíclico.

O tempo linear é o oposto do tempo cíclico, que, como o próprio termo explica, obedece a um ciclo, no final retorna ao momento de origem. O tempo linear, ao contrário, não obedece a uma lógica que retorna ao momento de origem. Ele é a sucessão de tempos diferentes que se sobrepõem com o passar do tempo, é a acumulação de tempos. Não é regulado pelo tempo da natureza, já que este é cíclico. Associa-se tempo linear ao tempo da técnica e ao domínio da economia sobre o meio ambiente. Por ser uma sucessão de tempos diferentes, a dissociação entre o tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro não é clara – envolve a negação do presente – fazendo o tempo parecer, as vezes, fragmentado e sem unidade aparente.

O materialismo histórico mostra que não se pode compreender um objeto separado da História. História essa que é sim o decorrer do tempo e de acontecimentos nesse tempo. Por isso, devemos compreender o tempo que passou para entender o tempo presente, mas também através do presente, compreender passado e futuro.

Para a I.S., o tempo do espetáculo – o tempo que o espetáculo constrói – não permite a dominação do tempo pelo indivíduo. Por viver um tempo programado pela mercadoria e seu consumo, o homem não possui o tempo. Ele vive o tempo sem perceber, sem o viver efetivamente. Daí afirmar que a dominação do tempo é a construção de uma situação: “A dominação (passageira, movediça) do nosso meio ambiente e do tempo reside, por exemplo, na construção dum momento da vida.” (I.S. 1997: 110)

Dominar o tempo é apropriar-se dele, não apenas deixar-se por ele levar. Essa idéia está amplamente associada a de realização da vida, explicada na p. 8. O que é criticado pela I.S. é a “conservação do presente, ele próprio dominado pelo passado” (I.S. 1997: 106)

que fundamenta as ideologias e formas de dominação do espetáculo (e que impede a *realização* da vida).

#### *O tempo e o desvio*

O tempo do espetáculo fundamenta, dialeticamente, a idéia de desvio, principalmente quando enxergamos a relação espaço x tempo. Espaço e tempo não podem ser considerados características a priori. Ambos são construídos na História. Já foi dito que o tempo do espetáculo é passageiro, não permite a apropriação humana. Desviar o tempo, se faz necessário, portanto, para a construção de situações proposta pelos situacionistas. “Alterar” a não-apropriação do tempo (isso seria o desvio do tempo no tempo vivido) fundamenta o próprio desvio enquanto método da obra da I.S.

Por isso os situacionistas desviaram a obra de Marx. Para recuperar a riqueza da obra marxista, e poder situá-la de maneira ampliada no capitalismo da aceleração da circulação e das trocas (incipiente nos anos 60), uma relação espaço x tempo muito diferente da existente na época em que Marx escreveu.

#### ***A Internacional Situacionista e cidade***

Como já dito, a preocupação situacionista com o urbano é bastante clara em suas publicações. Enumerarei alguns conceitos a respeito dessa abordagem, no intuito de demonstrar a valia desses autores para o estudo do cotidiano e, conseqüentemente, para a geografia urbana.

A escolha do termo *cidade* para a composição do título do presente trabalho se deu por determinados fatores. Dentre eles, a distinção conceitual entre cidade e urbano. *Cidade* remete a sítio, local, e, ao mesmo tempo, a um momento do urbano, momento negado pelo urbanismo funcional. *Urbano* remete ao “espírito da cidade”, as relações que nela ocorrem e a caracterizam, mesmo que seja uma realidade latente, apesar de negada. A preocupação que os Situacionistas têm e que os torna interessantes a Geografia Urbana é para com o espaço articulado pelas relações de troca na cidade. Ou seja, ao longo da obra desses autores, percebe-se que a crítica não é por eles explicitada como uma crítica ao modo de vida dito urbano, e sim ao modo de vida permeado pelas relações ampliadas do capitalismo, num sentido mais geral mesmo. Fica aqui clara, a semelhança com a *sociedade urbana* de Lefebvre, embora os situacionistas não tenham atribuído um termo a isso além de *sociedade do espetáculo*.

Embora a maior parte de seus escritos sejam a respeito de ambientes urbanos (a maioria dos membros da Internacional Situacionista era originária de capitais européias), não há uma preocupação nítida com essa distinção entre cidade e urbano. Eles tratam das cidades sem se preocupar com tal discussão. Apenas consideram o espaço da cidade.

Portanto, preferi utilizar o termo *cidade*, ainda para resgatar e manter a maior fidelidade possível a obra estudada.

A discussão predominante no conjunto da obra é crítica do urbanismo. A problemática discutida quanto à forma urbana é referente ao espaço construído e o espaço vivido. O diferencial das obras situacionistas analisadas é considerar que existe uma diferença considerável entre o espaço planejado e construído pelo urbanismo e o uso que as pessoas fazem dele. Além disso, considerar que essa “lacuna” é passível de compreensão e que, ao compreendê-la, pode-se chegar a soluções que levem a melhor articulação do espaço fragmentado, permitindo mudanças no cotidiano.

### *Psicogeografia*

Baseado no comportamento humano, e nas experiências que as pessoas têm a partir do lugar, dos sentimentos vividos a partir da experiência – inclui-se aí a relação das pessoas com o espaço construído ou não – e a psicologia, o conceito de psicogeografia foi desenvolvido pela I. S.

A psicogeografia seria o “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente ordenado ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (HENRIQUES org. 1997: 27). Ela aparece como necessária, mais especificamente como um instrumento para a construção de situações.

Ao explicar a psicogeografia, DEBORD traça também as primeiras críticas ao urbanismo que não leva em consideração as pessoas que vivem no espaço construído, além de afirmar que esse espaço construído provoca diferentes sensações nas pessoas. Dessa forma, a organização da cidade em bairros, tal como era na época vivida por ele e ainda é hoje em dia, causa essas sensações nos indivíduos que entre eles transitam. “As pessoas estão bem cientes de que algumas vizinhanças são tristes e outras agradáveis. Mas elas geralmente apenas assimilam que ruas elegantes provocam um sentimento de satisfação e que ruas pobres são depressivas, e deixam por isso mesmo.” (DEBORD, 1965 – trad. minha). Esses bairros “contrastantes” revelam, numa leitura dialética, as contradições presentes na cidade, inerentes ao seu desenvolvimento dentro do capitalismo.

A utilização de conceitos geográficos como topografia e zonas de climas para designar essas diferentes áreas de ambiência da cidade demonstra essa diferenciação de sensações provocadas por essas diferenças na forma urbana. “Dentro da perspectiva materialista do condicionamento da vida e do pensamento pela natureza objetiva, a Geografia, por exemplo, lida com a ação determinante das forças naturais gerais, como a composição do solo e condições climáticas sobre as estruturas econômicas da sociedade e na concepção de mundo que essa sociedade pode ter por isso” (DEBORD, 1965 – trad.

minha). Daí a criação de uma psicocartografia, que revela essas diferenças das sensações percebidas e auxilia no desvio possível das mesmas, que pode ser feito a partir do espaço já construído, uma vez que o mesmo possibilita diferentes interpretações.

Mais uma vez, retorno ao desvio: a psicogeografia e a sua cartografia auxiliam no “deslocamento” das sensações decorrentes do espaço construído. É possível utilizar os elementos no quadro urbano já existentes para construir as situações na cidade e o conhecimento de quais são essas sensações facilitaria essa nova construção da situação.

O urbanismo deveria considerar as potencialidades psicogeográficas. Por isso entende-se tanto a influência do meio geográfico nos indivíduos quanto às situações que dessa influência derivam. Por isso as formulações psicogeográficas serviram para a formulação da cidade situacionista, que será explicada a seguir, assim como os outros instrumentos necessários a essa formulação.

É importante ainda frisar que a psicogeografia trouxe a possibilidade do conhecimento embasado na percepção, mas o faz além da percepção fenomenológica, que enxerga o fenômeno como fim. O momento da percepção é necessário para chegar ao fenômeno, e não vai além da descrição. Tratamos aqui do espaço vivido, que transcende o espaço percebido da fenomenologia e, acima de tudo, que é compreendido para ser superado. A percepção aqui seria apenas uma etapa, a do reconhecimento, portanto.

#### *A Teoria da deriva*

A Teoria da deriva é a realização plena da psicogeografia, pois é a acumulação de tudo que a pesquisa psicográfica acumula ou descobre. Por outro lado, a psicogeografia é construída pela Teoria da deriva. Trata-se de uma relação de complementaridade, um termo alimenta o outro. A deriva alimenta a psicogeografia e esta a alimenta. Isso acontece porque, como tudo no programa situacionista, nenhum desses termos é estático. Só é possível a criação de atuais – e renovadas – situações, se for feito o desvio de elementos retirados da anterior e colocados numa nova unidade de criação. Por ser a psicogeografia uma pesquisa construída sobre a construção de situações – nada perenes, de acordo com o programa da I. S. – ela própria deve ser revista, desviada, para não ser superada de forma negativa e anular sua utilidade efetiva.

A deriva possibilita a denúncia às razões de se deslocar e agir do modo como se está condicionado. Não é apenas vivenciar o acaso, mas a contradição entre deixar-se levar por ele e prevenir-se dele ao mesmo tempo. Prevenir-se do acaso “calculado”, previsível, o devir de sensações calculadas pelo espaço fragmentado e fragmentador delas.

Os estudos de ecologia humana transpostos para as cidades – diretriz quase que determinante da produção sociológica urbana até meados dos anos 50 e que também

influenciou a produção geográfica a respeito – poderiam ser apropriados pelos praticantes da deriva para lidar com essa contradição de deixar-se levar e prevenir-se do acaso. Por isso, os recortes feitos pela análise ecológica, especialmente no que diz respeito às centralidades exercidas pelos bairros dos chamados centros velhos ou históricos quanto a função comercial ou ao surgimento de novas centralidades,<sup>6</sup> pode ser útil para a prática da deriva.

A psicogeografia revela que as partes das cidades possuem ambiências, o que é chamado de “relevo psicogeográfico da cidade” (DEBORD, 1958). O espaço imprime marcas em quem o vivencia: o bairro operário possui diversas leituras, mas o controle velado de seus moradores induz à leitura do trabalho fabril. O edifício modernista<sup>7</sup>, com suas formas retas e objetivas, por meio do vazio, induz à idéia de praticidade do momento, favorece a circulação do automóvel: também afunila as possíveis leituras acerca desse espaço. É impossível negar que uma catedral gótica não realize a função para a qual ela foi construída: a de frisar a magnitude de deus e a distância entre ele e o homem. O espaço construído pode ser representação espacial do espetáculo e levar a interpretações que não partem do indivíduo, que o vive sem ao menos perceber essa não-vivência (espaço vivido).

Nas grandes cidades européias, em que o capitalismo levou à reformulação de cidades nas quais muitas vezes, o passado aprisiona de certa maneira (castelos e monumentais edifícios seculares pedem que os transeuntes remetam ao passado), abriu-se avenidas largas e se construiu prédios de empresas voltadas para o futuro, essas diferenças de ambiências eram (e ainda são atualmente) contrastantes. Apenas o desvio para conseguir pensar o presente e construir algo que efetivamente partisse do sujeito, quando da percepção.

O desvio dos elementos presentes no urbano ocorre para fazer com que eles tenham sentido na nova situação – o presente. “A atitude situacionista consiste em apostar na fuga do tempo, ao contrário dos procedimentos estéticos que tendem a fixar a emoção” (DEBORD in JACQUES, 2003: 58).

### *O Urbanismo Unitário*

A proposta da cidade situacionista só poderia se basear na construção de situações por seus habitantes. Não se trata de uma “proposta” propriamente dita; não é uma doutrina do urbanismo e sim a crítica dele. O idealizador da cidade situacionista, chamada de Nova

---

<sup>6</sup> As *bright light areas* de BURGESS in: BURGESS & PARK *The City*, The University Press, 1925.

<sup>7</sup> Apesar da crítica ao urbanismo modernista, DEBORD chama de “passageiramente válidas a primeira Bauhaus e a escola de Le Corbusier,” acrescentadas em surdina de “uma noção atrasadíssima da vida e de seu enquadramento”. Isso refletiria a decomposição ideológica atual, com a arquitetura funcionalista se apoiando “nos conceitos mais reacionários da sociedade e da moral”.



Babilônia foi Constant Nieuwenhuis, um arquiteto que pertenceu ao grupo COBRA<sup>8</sup> antes da I. S. Ela foi pensada ainda nesse outro movimento, em 1953, mas o termo “urbanismo unitário” só foi nomeado três anos mais tarde.

O U. U. seria a superação do funcionalismo “para atingir, além do aspecto utilitário imediato, um ambiente funcional apaixonante.”(CONSTANT in JACQUES, 2003: 100). A construção das situações no espaço leva a construção das diferentes ambiências desejadas, impulsionadas pelos sentimentos. Essa construção de “atmosferas” é, por si só, a construção do próprio espaço situacionista. A arquitetura que propicie essas construções não pode ser senão móvel, flexível. E nisso se baseia o projeto da Nova Babilônia, que desde sempre pareceu utópico, já que teria que conciliar diversas unidades de ambiência, numa relação tanto de independência quanto de dependência entre elas. A ilustração da “Cidade Nua” mostra muito bem isso, apesar de se tratar de uma psicogeografia (na verdade, a base para a construção do projeto da cidade situacionista): as setas mostravam a cidade fragmentada e, ao mesmo tempo, unida pelas próprias setas.

Na cidade tradicional os praticantes da deriva traçavam seus caminhos por ambientes relativamente fixados no espaço no intuito de encontrar possibilidades de construção de situações. Na Nova Babilônia, o trajeto nem mesmo precisaria ser “atravessado”: seus habitantes poderiam fisicamente organizar as ruas por onde passavam. Por isso a cidade situacionista podia ser considerada um labirinto: porque seus ambientes poderiam mudar de uma hora para a outra, sem aviso prévio.

A questão material e técnica para a sua construção era, segundo seu mentor, altamente realizável. As principais características do projeto da Nova Babilônia eram: a sua divisão em setores, de 20 a 30 hectares cada um, suspensos por pilotis e sustentados por estruturas de decks. Tratava-se, portanto, de uma gigante estrutura suspensa, numa altura de 16 metros acima do nível do solo. O solo estaria, portanto, livre para diferentes usos, segundo Constant, como a agricultura e o trânsito. Por isso, poderia coexistir com o espaço já construído das cidades, sem ser necessária a destruição dos prédios já existentes.

É interessante notar que o avanço científico era positivo para os situacionistas, desde que fosse dominado para propiciar a construção de situações. Havia a crença de que a automação proporcionaria ao homem o tempo do ócio integral, para fazer o que bem entendesse. Isso provavelmente vinha da idéia revolucionária marxista de que a tecnologia seria administrada pela classe operária quando esta estivesse no poder. Apesar disso, havia por parte da I. S. preocupação com o que a tecnologia já manipulada pelo capitalismo, fez e

---

<sup>8</sup> Inicial de Copenhague, Bruxelas e Amsterdã, as cidades dos participantes desse grupo expressionista, que existiu de 1948 a 1951. Seus membros foram parte da base da formação da Internacional Situacionista em 1957.

fazia à espacialidade. Essa noção causou divergências dentro da própria I.S. com o decorrer do tempo. Por exemplo, em 1964, Debord acusou Constant de “recuperar o capitalismo” com seu projeto de cidade, depois que o arquiteto declarou que seu esquema acompanhava o rápido crescimento populacional mundial, a aceleração do tráfego, a expansão agrícola e a urbanização. Alguns anos depois, nem mesmo Constant acreditava mais na realização de sua utopia, ao perceber as dificuldades advindas com a automação, que trouxe escravidão no lugar da liberdade outrora esperada.

O urbanismo era um poderoso indicador da capacidade técnica desenvolvida pelo homem e do racionalista cientificista advindo da divisão internacional do trabalho. Algumas contribuições do urbanismo funcionalista são bem vistas pela I.S., entre elas “a adaptação a funções práticas, a inovação técnica, o conforto, a eliminação do enfeite supérfluo” (I.S. 1959: 105). Entretanto, num aspecto mais geral o urbanismo funcional é chamado de regulador, ao priorizar o tratamento de algumas problemáticas de maneira isolada – especialmente o trânsito e o habitat – sem considerar as possibilidades (e não-possibilidades) de uso do espaço<sup>9</sup>. Dessa forma, acaba por direcionar a vida no espaço, que passa a ser a organização física atual do espetáculo. “As soluções dos problemas de moradia, de trânsito, de divertimento só podem ser pensadas em correlação com perspectivas sociais, psicológicas e artísticas convergindo para uma mesma síntese, no âmbito do estilo de vida” (CONSTANT & DEBORD, 1958:96) Daí o termo escolhido ser Urbanismo *Unitário*, capaz de abarcar todas essas coisas. Aliás, isso parece óbvio depois de percebermos que nada para os situacionistas pode ser enxergado separado do todo, a começar pelos conceitos desenvolvidos por eles: a teoria da deriva possibilita a psicogeografia, que leva ao conhecimento dos ambientes e permite a criação de ambiências favoráveis para recriar o meio ambiente do homem (o que seria a própria definição do Urbanismo Unitário). Chega um momento em que todas essas idéias se fundem. Uma imprime marcas na outra e/ou está presente em outra idéia distinta (nessa altura, nem tão distinta assim).

A contribuição dos situacionistas é a revisão da função urbanista, que deve ser realizada de acordo com o *jogo*<sup>10</sup>. Esse conceito vem da associação entre a produção industrial e a competitividade gerada pelo mercado com o desenvolvimento do esporte moderno, assim estabelecido na Grã-Bretanha. Defende-se a necessidade de participação

---

<sup>9</sup> A própria dicotomia transporte X habitação revela essa *separação* de esferas doméstica e não-doméstica, do lugar-individual e do lugar-comum. Mesmo que de forma não explícita, a Internacional Situacionista fazia a discussão da questão do espaço público e do espaço privado e alertava o fato da dominação do privado/individual sobre o público/comum dentro do pensamento urbanístico, através do privilégio dado ao espaço para a circulação do automóvel.

<sup>10</sup> O *jogo* é, dentre os termos e conceitos presentes nas publicações da I. S. separadas para a confecção do presente trabalho, bem menos decorrente que os outros explicados até então.

do jogo como inerente do ser humano. Isso se realiza, atualmente no espetáculo, através do signo do ídolo esportivo, mas de forma não-efetiva.

O jogo deveria oferecer condições para viver efetivamente a vida, permitir permanentes experimentações, ludismos, e, assim, permitir a construção de situações. Novamente, trata-se de um desvio possível do cotidiano.

### **Considerações finais**

A averiguação da possibilidade de uso dos situacionistas para a Geografia, neste trabalho reduzida à exploração de alguns conceitos, acabou por revelar as limitações que a obra estudada oferece no que diz respeito ao construto científico.

Primeiramente, é necessário situar historicamente a Internacional Situacionista e, como é a proposta dela, desviá-la. Considerar que há algumas idéias presentes na *Sociedade do Espetáculo* que devem ser revistas, embora, em relação à época em que foi publicada, ela tenha sido “precursora”. Penso que, metodologicamente, o desvio é uma grande contribuição, já que favorece essa atualização dos conceitos, como o próprio conceito propunha (e foi exposto ao longo do trabalho). Outra contribuição válida é a da própria *sociedade do espetáculo* como um todo, no que concerne ao desvendamento da sociedade de consumo, do mundo da mercadoria e, conseqüentemente, da sociedade urbana.

Em relação aos conceitos e idéias relativos a cidade, como a *psicogeografia*, a *teoria da deriva*, se realizarmos o desvio a partir deles, podemos utilizá-los para o trabalho de campo em Geografia, especialmente no urbano. Um exercício nesse aspecto foi feito por SILVA (2002 : 28), que utilizou a deriva para reconhecer o bairro do Jaguaré, e desvendar a utilização feitas por seus moradores de um bairro projetado pra ser um bairro operário. Se quisermos nos aprofundar nessa questão do trabalho de campo especificamente, devemos recorrer, além dos escritos situacionistas sobre a cidade, obras ou mesmo textos que trabalhem com isso.

Quanto à cidade situacionista e ao projeto da Nova Babilônia, se deixarmos de lado toda a utopia que ela carrega<sup>11</sup> e a encararmos como uma síntese espacial dos elementos realmente válidos do legado da Internacional Situacionista (como os enumerados acima), podemos utiliza-la a título de ilustração de um projeto efetivamente revolucionário (mesmo

---

<sup>11</sup> Especialmente por que a proposta é construir uma cidade. Talvez ela funcionasse mais próxima da proposta original, se, guardada as devidas proporções, fosse construída apenas uma comunidade adaptada aos seus moldes. Talvez um prédio cuja arquitetura permitisse a construção de situações fosse possível, apesar que, caso fosse construído hoje – e acredito, mesmo nos anos 60 já seria assim – estaria completamente inserido no mundo da mercadoria, e teria suas situações construídas em boa parte dentro dela. Não se trata de uma proposta de minha parte, apenas de uma consideração, mesmo porque isso seria trabalho para um arquiteto.

que utópico). Um “modelo” como esse é muito útil para que façamos a crítica constante – e efetiva – do urbanismo articulador do espaço para as relações do capital, e não para os milhares (e por vezes, milhões) de habitantes de nossas cidades.

## REFERÊNCIAS

- CARLOS**, Ana Fani A. *O Espaço e o Tempo Sociais no Cotidiano* in: Anais do 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana
- DAMIANI**, A. L.; **CARLOS**, A. F. A.; **SEABRA**, O. C. L. (Orgs.). *O espaço no fim de século : a nova raridade*. Contexto, São Paulo, 1999.
- DEBORD**, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ed. Mobilis in mobili, Lisboa, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Methods of Détournement* in: Les Lèvres Nues #8, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Pourquoi le Lettrisme?* In: Potlatch #22. 1955.
- EUFRASIO**, Mario A. *Estrutura Urbana e Ecologia Humana: A Escola Sociológica de Chicago (1915-1940)*. Ed. 34, São Paulo, 1999.
- HENRIQUES**, Julio (org.). *Internacional Situacionista – Antologia*. Ed. Antígona, Lisboa, 1997.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA**. *Manifesto Internacional Situacionista* in: Internationale Situationniste, nº 4, 1960.
- JACQUES**, Paola B. (org.) *Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a Cidade*. Ed. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2003.
- LEFEBVRE**, Henri. *L a Vie Quotidienne* in: *Le Temps des Méprises*. Editions Stock, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Posição: contra os tecnocratas*. Ed. Documentos, São Paulo, 1969.
- \_\_\_\_\_. *A Revolução Urbana*. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2002
- SADLER**, Simon. *The Situacionist City*. MIT Press, Massachusetts, 1998.
- SILVA**, Flávia Elaine. *Jaguaré: Urbanismo e Vida Cotidiana*. Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia – USP, sob orientação da Profa. Dra. Amélia Luisa Damiani
- VANEIGEM**, Raoul. *A Arte de Viver para a Geração Nova*. Ed. Afrontamento, Lisboa, 1994.